

Helena Carvalhão Buescu

O Poeta na Cidade
A Literatura Portuguesa
na História

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Helena Carvalhão Buescu

O Poeta na Cidade
A Literatura Portuguesa
na História

Olhares

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é uma marca editorial da **INCM**
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S.A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Helena Carvalhão Buescu
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

O poeta na cidade

AUTORA

Helena Carvalhão Buescu

DESIGN

www.whitestudio.pt

REVISÃO

Mário Azevedo

PAGINAÇÃO

Magda Macieira Coelho

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Composto em Jannon 10 Pro
Impresso em Ensocoat 1 face 275 g (capa)
e Coral Book Ivory 90 g (miolo)

1.ª EDIÇÃO

março, 2019

ISBN 978-972-27-2540-8

DEPÓSITO LEGAL N.º 423341/17

EDIÇÃO N.º 1021709

ÍNDICE

✓
PÁG. 13

I. A começar

✓
PÁG. 15

1. Literatura e História:
algumas relações

✓
PÁG. 27

2. Múltiplas durações e historicidade
dos fenómenos e objetos literários

✓
PÁG. 35

II. Hoje e ontem: configurações

✓
PÁG. 37

3. Memória historiográfica
e memória simbólica

✓
PÁG. 38

- 3.I. Raízes: a historiografia medieval

✓
PÁG. 54

3.2. A entrada do mundo nas letras
portuguesas: a expansão e os seus reversos.
Historiografia, narrativa e literatura de persuasão

✓
PÁG. 105

3.3. O período romântico como lugar de
confluência entre Literatura e História.
Alexandre Herculano. Almeida Garrett.
Camilo Castelo Branco. Posteridades

✓
PÁG. 171

4. A história como conteúdo.
Estudo de casos

✓
PÁG. 171

4.1. A épica. Escritas, reescritas e
transformações

✓
PÁG. 186

4.1.1. Almeida Garrett, *Camões*

✓
PÁG. 201

4.1.2. Guerra Junqueiro e a preparação de
Mensagem, de Fernando Pessoa

✓
PÁG. 219

4.1.3. António Lobo Antunes, *As Naus*

✓
PÁG. 234

4.1.4. Gonçalo M. Tavares,
Uma Viagem à Índia

✓
PÁG. 256

4.2. A representação do evento histórico
memorável: o Terramoto de 1755

✓
PÁG. 285

4.3. A ficção histórica: Oitocentos
e Novecentos. Um caso: o medievismo

✓
PÁG. 298

4.4. Anacronia, circulação literária
e intempestividade: Gonçalo M. Tavares,
*Uma Menina Está Perdida no Seu Século
à Procura do Pai*

✓
PÁG. 322

4.5. No século xx: crises, guerras
e transformações

✓
PÁG. 343

5. A história de transformações sociais

✓
PÁG. 343

5.1. Representação de tipos sociais
e históricos

✓ **PÁG. 350**

5.2. A revolução do quotidiano burguês
e a queda do Antigo Regime: Camilo
Castelo Branco

✓ **PÁG. 363**

5.3. Migrações, emigrações, imigrações:
campo e cidade; fora e dentro

✓ **PÁG. 372**

5.3.1. A dinâmica histórica como
perturbação: Maria Velho da Costa. Mário Cláudio

✓ **PÁG. 380**

5.4. A emancipação feminina e outras
formas de cidadania. O poeta na cidade

✓ **PÁG. 393**

Índice onomástico

I. A COMEÇAR

1. LITERATURA E HISTÓRIA: ALGUMAS RELAÇÕES

A relação entre História e Literatura é um dos elementos fundadores do que hoje consideramos como o fenómeno literário e, muito embora sob diversíssimas configurações, tem contribuído para a percepção das duas formas de discurso como mutuamente fecundáveis e em vários aspetos certamente próximas. Em alguns momentos, as fronteiras parecem quase indistintas: por exemplo, como veremos, em casos-chave da historiografia medieval a separação entre facto e ficção é pouco operativa, e ambos parecem fazer parte de um mesmo universo imaginário. Em outros momentos, porém, e com diferentes conceitos operatórios, parece chegar-se quase a uma conceção antagonista das duas formas de discurso, como se a uma, e só a uma, coubesse o monopólio da verdade; enquanto a outra pareceria construir-se com base num afastamento potencialmente perigoso do real, ficando «presa» da imaginação.

A posição que este livro defende repousa sobre a compreensão de que os vínculos entre História e Literatura¹, sendo de compreensão essencial para ambas, devem refletir a sua variação histórica. Esta variação não significa senão que a partilha entre os vários terrenos de expressão humana não é eternamente fixa. E que o que a pouco e pouco se vai cristalizando como História e Literatura vai sendo, ao longo dos séculos, objeto de uma reflexão sobre o sentido dos eventos, o sentido do que acontece ao homem na sua vinculação pessoal e social.

Tal não significa subscrever uma posição em que surgissem fundamentalmente diluídas as diferenças que foram sendo historicamente constituídas entre facto e ficção. Essas diferenças, embora como disse variáveis, são de consideração central quer para a História quer para a Literatura. Argumentar o contrário, numa perspetiva de relativismo extremo, tornaria na prática inviável, entre muitas outras coisas, este mesmo livro. E não é naturalmente disso que se trata.

Nos últimos anos, e sobretudo na sequência de trabalhos como por exemplo os de Maurice Halbwachs, Pierre Nora ou Jan Assmann e Aleida Assmann², um outro conceito veio a ter uma consideração muito especial no contexto que aqui nos interessa: o conceito de *memória*, cultural e coletiva. Este

1 No âmbito deste volume, grafamos quer História quer Literatura com maiúsculas, quando nos interessa frisar que se trata de dois universos de discurso que concetualmente separamos para melhor pensarmos a sua relação; e ainda porque, no quadro do pensamento sobre a literatura, o conceito de história designa também os conteúdos de efabulação de que os fenómenos literários se constroem.

2 Ver em particular: Maurice Halbwachs, *La Mémoire Collective*, Paris, PUF, 1967; Pierre Nora, *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard, 1997; Aleida Assmann, *Cultural Memory and Western Civilization. Functions, Media, Archives*, Cambridge UP, 2011.

conceito veio chamar a atenção para o facto de que o discurso histórico, feito de uma sedimentação e cristalização do acontecido através da memória coletiva de uma comunidade, tem com esta uma relação também muito especial, que a literatura partilha. A negociação entre memórias potencialmente não-coincidentes, ou mesmo potencialmente conflituais, vai sendo feita através de diversos tipos de discurso, e ocorre tanto na História como na Literatura. Por vezes, a História alimenta-se do que a Literatura estabilizou, como memória do passado para o futuro. Outras vezes, é a Literatura que vai buscar à História o enredo do acontecido.

Assinalemos ainda o quanto uma reflexão que, a este propósito, mobilize aquilo para que a tradição clássica da teoria da memória e da retórica veio chamar a atenção, ao distinguir entre *memoria rerum* e *memoria verborum*, pode a nosso ver significativamente representar³. Na realidade, ao separar a possibilidade do exercício (e do treino) da memória das *coisas*, ou seja, do acontecido (transposto para o discurso como *tópicos*), e da memória das *palavras* (por exemplo através do exercício da citação), a tradição clássica e depois medieval insiste num aspeto que julgamos aqui de particular relevância: em certos casos, a História aparece na Literatura como representação do presenciado (é este o caso por exemplo de alguns historiadores do século XVI, ou de muitos dos que contemporaneamente escreveram sobre o Terramoto de 1755); mas na maior parte dos casos trata-se de representar uma História que foi já objeto de discursivização (ou discursivizações)

3 Remeto aqui, entre várias obras possíveis, para o livro clássico de Frances Yates, *The Art of Memory*, London, Routledge, 1966.

anterior(es), e cuja conformação literária (ou letrada) é feita sobretudo sobre a *memória das palavras* que a constituiu enquanto objeto. Não se trata aqui, naturalmente, do exercício retórico do treino da memorização. Mas o certo é que a «ficção da História», tal como a encontramos nesse género maior que é o romance histórico, é fundamentalmente guiado pela possibilidade de construir uma narrativa a partir apenas da memória das palavras que do vivido se conservou, memória essa mais ou menos longínqua, mais ou menos fidedigna. Todas estas questões levantam naturalmente problemas diferentes, no caso de se pretender equacionar do ponto de vista teórico as relações complexas entre facto e ficção. Não é este o lugar para os discutir. Entretanto, certamente ajudará a nossa reflexão compreender o quanto tópicos e palavras se articulam com conceitos e tipos de memória diferentes, e que por isso se associam a representações diferenciadas que o discurso literário pode integrar do fenómeno histórico.

Temos pois que as relações entre Literatura e História pas-sam de forma privilegiada pelos conteúdos que partilham ou que põem, total ou parcialmente, em comum. Mas as relações entre ambas ultrapassam, em muito, a questão dos conteúdos. Nas linhas que se seguem falaremos da questão preferencial dos conteúdos mas também de algumas outras dimensões que eles por vezes deixam na sombra mas não devem, em nosso entender, ser ignoradas, porque muito do que se entretence entre Literatura e História passa por ali. O reconhecimento de uma dimensão mais poliédrica, que não se esgota na questão dos conteúdos, é um aspeto decisivo deste volume, embora ele não possa naturalmente seguir todas as implicações dos aspetos que aqui ficam apenas mencionados.

A relação entre História e Literatura é um dos elementos fundadores do que hoje consideramos como o fenómeno literário e, muito embora sob diversíssimas configurações, tem contribuído para a percepção das duas formas de discurso como mutuamente fecundáveis e em vários aspetos certamente próximas. Em alguns momentos, as fronteiras parecem quase indistintas: por exemplo, como veremos, em casos-chave da historiografia medieval a separação entre facto e ficção é pouco operativa, e ambos parecem fazer parte de um mesmo universo imaginário. Em outros momentos, porém, e com diferentes conceitos operatórios, parece chegar-se quase a uma conceção antagonista das duas formas de discurso, como se a uma, e só a uma, coubesse o monopólio da verdade; enquanto a outra pareceria construir-se com base num afastamento potencialmente perigoso do real, ficando «presa» da imaginação.

A posição que este livro defende repousa sobre a compreensão de que os vínculos entre História e Literatura, sendo de compreensão essencial para ambas, devem refletir a sua variação histórica.

